

Narrativas escritas sobre a docência com crianças na pandemia¹

*Taís Aparecida de MOURA²
Monalisa Ferreira SILVA³*

Resumo

O artigo é decorrente de uma pesquisa realizada com professoras que atuaram no ensino remoto, em uma instituição pública de Educação Infantil, da cidade de Passos, estado de Minas Gerais, Brasil. O objetivo foi investigar as especificidades que atravessam a atuação docente com crianças entre 4 e 5 anos, em tempos de pandemia. Para desenvolver a pesquisa utilizou-se como instrumento metodológico um questionário com questões dissertativas, para que as participantes descrevessem as sutilezas, desafios e aprendizagens da docência na pandemia. Enfim, os dados revelaram que a docência com crianças é desafiadora, mas também se demonstrou inventiva no ensino remoto, pois houve maior interação com as mídias, numa perspectiva além de utilitarista, mas também criativa e reflexiva.

Palavras-chave: Contexto pandêmico. Educação Infantil. Mídias. Práticas Pedagógicas. Docência.

¹ A pesquisa foi financiada pelo Programa Institucional de Apoio à Pesquisa (PAPq), Edital 05/2020, da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade Passos.

² Doutora em Educação, Mestre em Educação Escolar e Pedagoga. Professora da UEMG, unidade Passos. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5545-3531>. E-mail: tais.moura@uemg.br.

³ Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da UEMG, unidade Passos. Estudante bolsista PAPq/UEMG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2838-0928>. E-mail: monalisa.2198641@discente.uemg.br.

Written narratives about teaching children in the pandemic

*Taís Aparecida de MOURA
Monalisa Ferreira SILVA*

Abstract

The article is the result of a survey carried out with teachers who worked in remote education, in a public institution of Early Childhood Education, in the city of Passos, state of Minas Gerais, Brazil. The objective was to investigate the specificities that permeate teaching activities with children between 4 and 5 years old, during the pandemic. To develop the research, a questionnaire with essay questions was used as a methodological instrument, so that the participants could describe the subtleties, challenges and learning of teaching in the pandemic. Finally, the data revealed that teaching children is challenging, but it also proved to be inventive in remote education, as there was greater interaction with the media, from a perspective that not only was utilitarian, but also creative and reflective.

Keywords: Pandemic context. Early Childhood Education. Media. Pedagogical practices. Teaching.

Narrativas escritas sobre la enseñanza com niños em la pandemia

*Taís Aparecida de MOURA
Monalisa Ferreira SILVA*

Resumen

El artículo es el resultado de una encuesta realizada a docentes que trabajaban en educación remota, en una institución pública de Educación Infantil, en la ciudad de Passos, estado de Minas Gerais, Brasil. El objetivo fue investigar las especificidades que impregnan las actividades docentes con niños de entre 4 y 5 años, en tiempos de pandemia. Para el desarrollo de la investigación se utilizó como instrumento metodológico un cuestionario con preguntas de ensayo, de manera que los participantes pudieran describir las sutilezas, desafíos y aprendizajes de la docencia en la pandemia. Finalmente, los datos revelaron que la enseñanza con niños es un desafío, pero también resultó ser inventiva en la educación remota, ya que hubo una mayor interacción con los medios de comunicación, desde una perspectiva no solo utilitaria, sino también creativa y reflexiva.

Palabras clave: Contexto pandémico. Educación Infantil. Medios de comunicación. Prácticas pedagógicas. Ensenãza.

Palavras iniciais

[...] Da minha janela vejo o nascer do sol. Vejo gente para todo lado.
[...] Gente com livros nas mãos, a caminho da escola. (JÚNIOR, 2019).

Poderia ser o início de mais uma semana como todas as outras, mas aquela fora diferente - lembranças do início da quarentena no Brasil, 16 de março de 2020. Poderíamos abrir nossas janelas e ver a vida pulsando, assim como Otávio Júnior (2019), que narra que da sua janela via sua linda favela, pessoas indo trabalhar, crianças indo estudar, mas a pandemia ocasionada pelo novo coronavírus, deixara a paisagem de todas as janelas diferentes. Segundo Anete Abramowicz e Margareth Park (2020) em março de 2020 a normalidade do Brasil foi quebrada; uma experiência social inédita acometeu todas as gerações, que jamais viveram uma crise sanitária de tal magnitude.

Nesse ínterim, concordamos com Solange Santos e Marina Saraiva (2020) que o ano de 2020, será sempre lembrado como o ano que não tem fim, pois por mais que ele tenha se findado oficialmente no calendário o carregaremos para o resto de nossas vidas. A pandemia da Covid-19, infelizmente, nos atravessa há mais de dois anos e, portanto, nos solidarizamos com as famílias de mais de 680 mil mortos no Brasil. Muito além de números, são vidas interrompidas em um contexto de crise sanitária mundial, mas também de crise política, de obscurantismo que tem pairado sobre o nosso país, de modo que para enfrentarmos discursos e ideias negacionistas nossa resistência e nossa esperança, precisam ser permanentemente evocadas.

É nesse contexto tão inconcluso que emerge este artigo, decorrente de uma pesquisa de iniciação científica realizada com quatro professoras que atuaram no ensino remoto (ano letivo de 2020 e primeiro semestre de 2021), com turmas de crianças entre 4 e 5 anos, em uma instituição pública de Educação Infantil, da cidade de Passos, estado de Minas Gerais, Brasil. Tal pesquisa teve por objetivo investigar as especificidades que atravessaram a atuação docente no contexto da Educação Infantil refletindo, mais precisamente, a respeito das práticas pedagógicas em tempos de pandemia. Para tanto, especificamente, buscou-se analisar o papel do(a) professor(a) na Educação Infantil investigando como se constituiu o planejamento do tempo e dos materiais nas propostas feitas com turmas da pré-escola durante as atividades remotas.

No que diz respeito aos reflexos da pandemia no campo da educação, concordamos com Rayssa Oliveira (2021) que estamos vivendo um momento tão duro no mundo, em que:

MOURA; SILVA.

[...] todas essas possibilidades de elo afetivo entre crianças, educadores e espaços escolares estão em tempos de espera. Para alguns, esses lugares tornaram-se outros - como quartos, cantinhos da casa - que vemos por meio das telas e videochamadas, mas, para muitos, nem isso. A escola sumiu do olhar, do tato, da pele, e os educadores lutam, diariamente, para que se mantenham-se acesos o afeto e a troca, mesmo em tempos de tanto distanciamento necessário (OLIVEIRA, 2021, p. 63).

Porém, essa luta diária de professores e professoras para manter aceso o afeto, a troca, as experiências brincantes e as aprendizagens são falaciosas para algumas pessoas. No dia 20 de abril de 2021, por exemplo, o deputado federal Ricardo José Magalhães Barros em uma entrevista⁴, ao adentrar no tema da educação na pandemia, proferiu as seguintes palavras:

“[...] não tem nenhuma razão pra professor não tá dando aula, nenhuma. O profissional de saúde tá indo trabalhar, o profissional do transporte tá indo trabalhar, o profissional da segurança tá indo trabalhar, o pessoal do comércio tá indo trabalhar, só professor que não quer trabalhar. Não, então nós estamos votando inclusive no congresso agora um projeto de lei transformando a educação em serviço essencial. O Brasil é o segundo país no mundo que não voltou as aulas, que não teve aula na pandemia. A média na Europa de período sem aula é de 70 dias no ano passado, 70 dias em média sem aula na pandemia no ano passado, o Brasil não teve aula nem um dia. É um absurdo, é absurdo a forma como nós tamo permitindo que professores fazem, causem tanto dano às nossas crianças na continuidade da sua formação [...]” (CNN BRASIL, 2021).

Ao contrário do que sugere o deputado, precisamos registrar que professores e professoras na pandemia, de todas as etapas, desde a Educação Infantil ao Ensino Superior trabalharam (alguns ainda trabalham) e muito no ensino remoto no Brasil. Eles(as) trabalharam em meio às incertezas, aos desafios, às condições frágeis de acesso às mídias, à precarização do trabalho docente, entre outras circunstâncias.

Portanto, frente a tanta complexidade, defendendo a vida, a vacina e a ciência, este artigo também se revela com um fio de resistência, se forja como um modo possível de analisar a docência com crianças no cenário pandêmico, a partir das narrativas escritas de professoras do sudoeste mineiro.

⁴ Participação de Ricardo Barros em entrevista à emissora CNN Brasil, mais detalhes em: <https://www.youtube.com/watch?v=RvNya-CrmUw>.

A docência na Educação Infantil: especificidades que se (re)desenham no cenário pandêmico

Imagem 1 - trabalho docente na pandemia



Fonte: <http://grooeland.blogspot.com/2021/04/no-brasil-da-idiocracia-professores-sao.html>

Antes de abordarmos acerca da especificidade da docência na Educação Infantil frente ao cenário pandêmico, faz-se necessário apresentarmos um breve panorama sobre esta etapa da educação básica. De acordo com Andrea Moruzzi, Bianca Silva e Bruna Barros (2020), a consolidação do espaço educacional infantil, como parte integrante da educação básica e como um direito fundamental, foi e ainda é marcada por inúmeros debates que englobam questões relacionadas às infâncias, aos saberes docentes e, sobretudo, à formação de professores e professoras. Nesse sentido, ressalta-se que:

A atual configuração da educação infantil, como parte de um sistema nacional de educação é decorrente de um movimento muito intenso de mulheres que, nos anos 1970, passaram a constituir o campo de pesquisadoras interessadas nos estudos da criança e da infância no Brasil (Abramowicz, 2015). Se hoje temos um campo consolidado de pesquisas sobre a criança, a infância e a educação infantil é porque, nesse período, mulheres como Fúlvia Rosemberg, Maria Malta Campos, Sonia Kramer, entre muitas outras, levantaram a bandeira em prol de reivindicar uma educação de qualidade para as crianças pequenas no Brasil, apoiadas e envolvidas pelo Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil (Mieib). Antes mesmo da Constituição de 1988, pesquisadoras como as citadas já realizavam estudos em que se problematizavam as instituições destinadas às crianças e às formas de atendimento realizadas (MORUZZI; SILVA; BARROS, 2020, p. 177-178).

Na percepção de Anete Abramowicz (2017), do período de promulgação da Constituição até a implantação do Fundeb [de 1988 a 2009]; a Educação Infantil obteve aparentemente algumas conquistas dentro das políticas públicas nacionais, mas sempre foi concebida como uma política menor, isso se comparada com outras políticas educacionais. A respeito, cabe mencionarmos, que com a institucionalização e elaboração do Plano Nacional de Educação (PNE 2014/2024) se intensificaram alguns debates quanto aos desafios para a implementação da oferta e expansão da Educação Infantil nos municípios brasileiros.

Conforme expõe Altino Martins Filho (2020), sabe-se que a trajetória histórica da Educação Infantil transcorreu em meio a muitos percalços, eivada de contradições, tensões e ambiguidades, contudo, mesmo percorrendo tortuosos caminhos, percebe-se que a luta pelo reconhecimento da especificidade docente nesta etapa, ao longo das décadas, apresentou profícua resistência, o que contribuiu para o seu contínuo aprimoramento, bem como para a conquista de vários direitos.

Como pesquisadoras ligadas ao Grupo de Investigação de Infâncias e Linguagens (GIIL/UEMG/Passos), nos últimos anos, tem sido uma das nossas linhas de interesses de estudos aprofundarmos o debate acerca da especificidade da docência na Educação Infantil. Nesse sentido, ponderamos que sempre é importante (re)afirmar que ser professor(a) não é algo vocacional, não tem a ver com dom, bem como ser professor(a) da Educação Infantil não é ser tio ou tia. Já dizia Paulo Freire (1997) que ensinar envolve certa tarefa, certa militância e certa especificidade no seu cumprimento e, portanto, ser professor(a) implica assumir uma profissão, enquanto ser tio(a) é viver uma relação de parentesco.

Sendo assim, compreendemos que educar e cuidar na Educação Infantil, requer uma profissionalização da docência. É preciso estudar, se preparar, conhecer as singularidades dos(as) bebês e crianças, teorias e/ou abordagens, para assim, propiciar práticas pedagógicas com excelência que respeitem os direitos de aprendizagem e participação desses sujeitos. Silvia Cruz, Cristiane Martins e Rosimeire Cruz (2021) argumentam que as crianças têm direito a uma educação de qualidade e, para tanto, não se pode garantir a qualidade da Educação Infantil sem a consideração das peculiaridades dessa primeira etapa, fortalecendo concepções fundamentais que prezam pelo propósito da promoção do desenvolvimento integral das crianças. Ainda, segundo as autoras, “a clareza quanto a esse propósito é importante para que a identidade desta etapa educacional seja reafirmada e as instituições possam realmente se constituir em espaços de educação e cuidado desses sujeitos” (CRUZ; MARTINS; CRUZ, 2021, p. 157).

No que diz respeito às orientações legais e documentos oficiais, nota-se que nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) (2010) as propostas pedagógicas aparecem como ponto de atenção, baseadas em princípios éticos, políticos e estéticos. Na prática, compreende-se que as ações educativas devem se atentar à realização de propostas que prezem pela garantia e desenvolvimento da autonomia, da solidariedade, do respeito, do exercício da criticidade, do despertar da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas manifestações artísticas e culturais (BRASIL, 2010).

Em relação aos materiais que exploram o uso das múltiplas linguagens no cotidiano da infância, as diretrizes curriculares também marcam a importância de as instituições educativas possibilitarem a utilização de gravadores, projetores, computadores, máquinas fotográficas e outros recursos tecnológicos e midiáticos (BRASIL, 2010). Para Márcia Gobbi (2010) é preciso oportunizar espaços para as crianças falarem e sentirem, pois é importante despertar olhares plurais para aquilo que elas constroem e para o que recebem como manifestações da cultura brasileira.

Nas palavras de Paulo Fochi (2020), é preciso que haja um currículo sustentado nas relações, nas interações e em práticas educativas intencionalmente voltadas para as experiências concentradas na vida cotidiana, para a aprendizagem da cultura, pelo convívio no espaço da vida coletiva e para a produção de narrativas através de diferentes linguagens. Nesse debate, Maria Tereza Tavares, Fabiana Pessanha e Nayara Macedo (2021) ressaltam a necessidade de reconhecermos as especificidades e singularidades do fazer pedagógico, frente às relações que construímos e desejamos na Educação Infantil, cuja riqueza se estrutura no olhar atento aos bebês e às crianças, em sua diversidade.

Considerando a Base Nacional Comum Curricular (2017), verifica-se que devem ser assegurados os direitos de aprendizagem e desenvolvimento da Educação Infantil de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e reconhecer-se. Para tanto, compreende-se que os(as) bebês e crianças têm o direito de conviver com outras crianças e pessoas adultas utilizando diferentes linguagens; eles(as) têm o direito de brincar de diversas formas, em diferentes espaços e tempo; eles(as) podem participar ativamente de algumas decisões que lhes dizem respeito; têm o direito de explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza; eles(as) têm o direito e devem se expressar como sujeitos dialógicos, criativos e sensíveis, devem expor necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões; assim elas ampliam o conhecimento de si e do mundo (BRASIL, 2017).

Ademais, a atuação na primeira etapa da educação básica se faz pela indissociabilidade do educar, cuidar e brincar, por isso, sugere-se que as propostas pedagógicas levem em consideração as singularidades dos(as) bebês, das crianças bem pequeninhas e pequenas que devem vivenciar experiências de interações e brincadeiras (BRASIL, 2017).

Diante do exposto, evidenciamos que a Educação Infantil é uma etapa que possui inúmeras especificidades, como a organização do espaço, tempo e materiais. Nesse contexto, é essencial que os(as) professores(as) vivenciem uma formação densa e contínua, pois como demarcado por Freire (1997, p. 8) “a tarefa do ensinante, que é também aprendiz, sendo prazerosa é igualmente exigente”.

A partir dessas considerações sobre a especificidade da docência, algumas questões afloram pautadas no cenário atual: como tem se desenhado as práticas pedagógicas na Educação Infantil, principalmente, em tempos de pandemia? Quais as aprendizagens e desafios docentes? O que professores(as) narram sobre essas experiências?

Sabemos que o vírus Sarcos-Cov-2, causador da Covid-19, dado o seu poder de propagação trouxe significativas mudanças no mundo, pois neste cenário pandêmico várias esferas foram afetadas como a saúde, a educação, dentre tantas outras. Vimos a importância de ficar em casa, de manter o isolamento para evitar os riscos de aumentar casos dessa doença e, portanto, inúmeras instituições foram fechadas, com destaque às escolas desde a Educação Infantil ao Ensino Superior. Sendo assim:

O fechamento das creches e pré-escolas por meses, durante a pandemia, representou uma grande mudança no cotidiano de milhões de meninos e meninas e suas famílias. Essa mudança pode provocar comprometimentos no desenvolvimento e aprendizagem desses sujeitos, que ficaram sem acesso a espaços organizados e a experiências planejadas nas quais poderiam se desenvolver de forma integral (CRUZ; MARTINS; CRUZ, 2021, p. 159).

No entanto, por meio do uso de recursos tecnológicos, diversas instituições tentaram dar continuidade às experiências e interações. Porém, a escuta, a observação atenta e o toque, tão presentes na Educação Infantil, foram substituídos por encontros virtuais. Dessa forma, com todas essas mudanças repentinas, tornou-se necessário pensar, criar e (re)inventar novas práticas que garantissem a segurança das crianças em suas casas e que respeitassem o plural da infância. Para Cruz, Martins e Cruz (2021, p. 148) um dos maiores desafios que a Educação Infantil precisou enfrentar foi o de “encontrar formas de lidar com essa situação inusitada sem perder a sua identidade como etapa da educação que educa e cuida de bebês, crianças bem pequenas e pequenas”.

No bojo dessas discussões, sublinhamos que as questões colocadas em pauta no decorrer do presente trabalho não possuem respostas precisas e homogêneas, entretanto, diante do atual cenário pandêmico é essencial compreender como essas mudanças afetaram a Educação Infantil. Ponderamos

Narrativas escritas sobre a docência com crianças na pandemia que num contexto de tantas incertezas e de muito trabalho, intensificaram-se muitos desafios em relação ao trabalho docente e sua precarização. Parece-nos doloroso e desrespeitoso ouvir discursos que sugerem que professores e professoras não trabalharam na pandemia, que não fizeram ou não estão fazendo nada neste contexto.

Portanto, este artigo se desenha na direção de não apenas falar sobre a docência na Educação Infantil, mas falar com professores e professoras e compreender com mais profundidade a atuação docente nesta etapa, investigando os contornos das práticas em tempos de pandemia.

Trilhas metodológicas

Este estudo tem como base uma pesquisa de abordagem qualitativa. Nesse contexto, optamos por utilizar como instrumento metodológico a narrativa, com o objetivo de oportunizar voz e autonomia aos professores e professoras, para que assim consigam contar suas experiências. Segundo Vera Paiva (2008, p. 01) podemos definir narrativas como:

Muitos são os significados de narrativa que circulam entre nós: uma história; algo contado ou recontado; um relato de um evento real ou fictício; um relato de uma série de eventos conectados em sequência; um relato de acontecimentos; uma sequência de eventos passados; uma série de eventos lógicos e cronológicos.

Nessa perspectiva, como enfatizado por Cecília Galvão (2005, p. 328) “toda a atividade humana envolve o uso da linguagem”. Sendo assim, através das diversas formas de linguagem, como a escrita, os indivíduos conseguem contar histórias, lembrar fatos passados e refletir sobre suas vivências. Por isso, o método supracitado se configura por ser uma potente metodologia, que pode ser definida como:

[...] pesquisa narrativa mais comum pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno. As histórias podem ser obtidas por meio de vários métodos: entrevistas, diários, autobiografias, gravação de narrativas orais, narrativas escritas, e notas de campo (PAIVA, 2008, p. 03).

Ainda convém lembrarmos que Galvão (2005) destaca que as narrativas, em estudos com professores(as), possuem três potencialidades, são elas: processo de investigação em educação, processo de reflexão pedagógica e processo de formação. Portanto, através das narrativas “os professores não só trazem para a escola uma história pessoal que dá sentido às suas ações, mas também vivem aí uma história que os ajuda a dar sentido ao mundo” (GALVÃO, 2005, p. 331).

Nesse contexto, compreendendo a potencialidade das narrativas em estudos com professores(as), elaboramos e enviamos de forma virtual um questionário contendo perguntas

norteadoras para a produção de dados. Cabe destacar que as questões que compunham o questionário discorriam acerca do cotidiano docente em tempos de pandemia, levando em consideração as práticas pedagógicas e a especificidade da Educação Infantil.

Sem perder de vista nossa perspectiva metodológica, vale ponderarmos que o questionário foi utilizado apenas como disparador do debate, mas a essência da produção de dados se pautou na elaboração de uma carta, por ser uma narrativa escrita. Ou seja, as professoras participantes do estudo foram convidadas para responder tal questionário, mas em formato de carta, de modo que tiveram liberdade para discorrer sobre os aspectos que mais lhes marcaram durante a docência com as crianças da pré-escola, no ensino remoto.

Para situar a pessoa leitora a respeito de cada sujeito participante da pesquisa, usou-se uma nomenclatura específica⁵ na análise dos dados, sendo esta: professora Rosa, professora Íris, professora Jasmim e professora Liz. Ressaltamos ainda, algumas características que constituem as histórias de vida das participantes e marcam suas carreiras na docência:

- Professora Rosa: tem 42 anos. Possui graduação em Pedagogia pela UEMG. Há 6 anos atua como docente na Educação infantil. Atualmente é professora de uma pré-escola, sua turma é composta por crianças com idade entre 5 anos.
- Professora Íris: tem 56 anos. É formada em Pedagogia pela UEMG, 2005. Há 13 anos atua como professora na Educação Infantil e, atualmente, é responsável por uma turma com crianças de idade entre 4 e 5 anos.
- Professora Jasmim: tem 44 anos. Graduou-se em Pedagogia pela FESP, atual UEMG, em 1998. Nesse contexto, atua há 15 anos na Educação Infantil. Além disso, é formada em Serviço Social e possui algumas especializações no âmbito educacional, como Psicopedagogia e Educação Especial. Atualmente é professora de crianças com idade entre 4 e 5 anos.
- Professora Liz: tem 27 anos. É graduada em Pedagogia e pós-graduada em Alfabetização e Letramento pela FAVENI - Dom Alberto. No momento, é professora de uma pré-escola e sua turma é constituída por crianças de 4 anos.

O contato inicial com as professoras participantes da pesquisa, inicialmente se deu por uma reunião pedagógica conduzida pela direção da unidade, em que as autoras foram convidadas para participar. Nós, tivemos um tempo de fala para convidar todas as professoras que atuam na unidade (total de 12 docentes) e explicamos os objetivos da pesquisa. Desse conjunto de professoras, apenas

⁵ A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da UEMG/Passos, a diretora da instituição de Educação Infantil autorizou a realização da pesquisa e as professoras participantes receberam nomes fictícios, bem como assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Narrativas escritas sobre a docência com crianças na pandemia 4 responderam ao questionário/carta e, portanto, alguns trechos de suas narrativas escritas sobre a docência na pandemia serão destacados e analisados.

Por último, argumentamos ser fundamental enfatizar que o objetivo desta pesquisa não foi trazer respostas e resultados mensuráveis, mas sim evidenciar as diversas facetas da docência na Educação Infantil em tempos de pandemia. Convém pontuarmos que a escolha das narrativas escritas como instrumento metodológico permitiu que houvesse uma relação intrínseca entre as pessoas envolvidas na pesquisa, o que conseqüentemente possibilitou a interpretação, imparcial e sem julgamentos dos relatos.

Diante das respostas obtidas, os dados produzidos foram organizados a partir de quatro categorias, são estas: 1) Planejamento e atividades no ensino remoto; 2) Dificuldades e desafios no ensino remoto; 3) Aprendizagens e aspectos positivos da atuação docente na Educação Infantil em tempos de pandemia; 4) Ser/estar docente na Educação Infantil no contexto pandêmico. As análises depreendidas serão apresentadas na sequência.

Narrativas escritas de contextos [de vida] docentes em uma instituição de Educação Infantil do sudoeste mineiro

A partir das narrativas escritas de quatro professoras participantes - Rosa, Íris, Jasmim e Liz - algumas informações foram selecionadas e analisadas com base nos objetivos propostos. Dessa forma, explicitamos que os dados foram organizados em quatro categorias, de modo que, as análises tiveram por intencionalidade compreender como tem se desenhado as práticas pedagógicas na Educação Infantil em tempos de pandemia.

Na primeira categoria de análise, intitulada *planejamento e atividades no ensino remoto*, as professoras discorreram acerca da organização e estruturação das experiências na Educação Infantil em tempos de pandemia. Nesse contexto, elas apontaram que:

As atividades remotas foram realizadas por videoaulas e encaminhadas via WhatsApp. Em alguns casos elas foram impressas. Penso que buscamos atender da melhor forma possível [...] as atividades são pelo WhatsApp. Nossos encontros pelo Meet ou Zoom. Faço o planejamento de acordo com a realidade vivida, trabalhando com materiais concretos do espaço do lar e atividades em família (Professora Iris).

As atividades são realizadas através do contato pelo WhatsApp, formando o grupo de famílias e, assim, mantivemos contatos diariamente também pelo telefone com as mães. Realizamos os vídeos das atividades com a rotina e quando tem dúvidas, elas

MOURA; SILVA.

entravam em contato para eu ajudar onde as crianças tinham dificuldades (Professora Jasmim).

O planejado é trabalhar no nosso horário de trabalho apenas, mais ao ver um pai ou uma mãe com dúvidas, que estão fazendo atividade à noite, depois de um dia cansativo de trabalho, não dá pra ignorar e ajudamos, pois, caso contrário, a atividade vai ficar atrasada e os pais podem desanimar de dar continuidade as tarefas (Professora Liz).

Observamos que a mídia adotada para manter o contato com as crianças e as famílias foi o *WhatsApp*. Sendo assim, o trabalho das professoras nesse período pandêmico foi complexo e exaustivo, pois as mensagens e dúvidas chegavam a todo momento. Além disso, como pontuado por uma das professoras, o planejamento mesmo sendo uma tarefa desafiadora, é pensado a partir da realidade das crianças.

Apesar de todas as mudanças causadas pelo período pandêmico as professoras tentaram através de diversos recursos e estratégias manter a comunicação, pois concordamos com Célia Serrão e Renata Oliveira (2021) que a escuta das crianças e das famílias neste momento de pandemia contribuiu para a construção de relações horizontais em que o diálogo entre escola e família foi ganhando novos contornos, em um movimento coletivo de defesa da vida. No que diz respeito às propostas pedagógicas assumimos que fora necessário:

[...] reafirmar a proposição de uma pedagogia da infância afastada de enfoques preparatórios e escolarizantes, articulada aos princípios éticos, estéticos e políticos. Uma pedagogia da infância que se permita dialogar com eixos estruturantes das práticas pedagógicas, as brincadeiras e interações, concebendo e respeitando as diferentes dimensões das infâncias em seus complexos e desiguais contextos, reafirmando os direitos das crianças, bem como preconizam as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) (BRASIL, 2009) (TAVARES; PESSANHA; MACEDO, 2021, p. 91-92).

Por conseguinte, na segunda categoria as professoras colocaram em pauta as *dificuldades e desafios no ensino remoto*. Nesse ínterim, narraram que:

Minha maior dificuldade foi esperar da família algo que muitas vezes ela não poderia oferecer. Que era atividades realizadas corretamente, atenção a criança. Nem sempre a família pode oferecer tal (Professora Rosa).

Agora o difícil é a própria organização [...] para mim foi a parte difícil, pois o material é diferente. Eu tenho muito material no concreto, mas manuseá-los através de uma câmera é diferente. Mas, a maioria dos vídeos procuro mostrar os materiais concretos. Também fazer reuniões online é bem cansativo. Sinto distante, sinto falta de companheirismo, de troca, sinto todos cada um na sua e não tem carinho, amor uns para com os outros (Professora Jasmim).

Narrativas escritas sobre a docência com crianças na pandemia
Falta de contato físico com as crianças. Demonstrar carinho através de um beijo e um abraço (Professora Liz).

Notamos em alguns trechos das cartas das professoras participantes que criar vínculos afetivos com as crianças e as famílias por meio das mídias digitais foi um enorme desafio. Conforme enfatizado por uma das profissionais, verifica-se que é difícil organizar e planejar as atividades a serem desenvolvidas de forma remota. Além da falta do contato físico, muitas famílias, em decorrência das exigências do período atual, não conseguiam auxiliar as crianças nas realizações das atividades propostas pela instituição.

Como enfatizado por Lidiane Silva (2020, p. 26), foi e ainda vem sendo um grande desafio para os professores e professoras na Educação Infantil:

[...] lidar com a falta de materiais e tecnologias para atuarem no ensino remoto e, por consequência, esses desafios se materializam em dificuldades para planejar e ministrar atividades que estimulem mais o interesse das crianças, visto que, em várias situações fora da unidade escolar é complicado garantir um espaço organizado para a realização de vivências motoras, lúdicas, dentre tantas outras.

No bojo dessas discussões, chamamos atenção para outro aspecto referente à quantidade de participação de professoras. Para nós, a própria quantidade de aceitação também traz pistas dos desafios docentes na pandemia. Excesso de trabalho, ansiedade, exaustão e ainda participação em pesquisa. Não vimos como falta de interesse a participação de mais professoras nesta pesquisa, ao contrário, a negativa também é uma resposta que ajuda a compreender como o cotidiano docente tem sido permeado por inúmeras tarefas e, mais que isso, também nos mobiliza a pensarmos como a universidade tem dialogado e se aproximado da comunidade local.

Na terceira categoria em relação às *aprendizagens e aspectos positivos da atuação docente na Educação Infantil em tempos de pandemia*, as professoras apontaram que:

As crianças que acompanharam diariamente o ensino remoto se desenvolveram (Professora Rosa).

Aspectos positivos ainda não os vi (Professora Íris).

Acredito que aumentou a colaboração e valorização do nosso trabalho (Professora Liz).

Um ponto positivo foi a dedicação em aprender em tempo hábil a organizar uma edição de vídeo e até mesmo deslocar todo o material concreto para expor para realizar os vídeos. O ensino remoto fez com que dedicasse ao estudo das tecnologias e conhecesse mais os cursos em diversas áreas também. Passei a ouvir mais cursos pelo Youtube para capacitar, devido ter dado uma parada com os cursos presenciais. Vivenciei também a vida diária das famílias, pois elas se abriram muito comigo,

MOURA; SILVA.

dizendo seus problemas e dificuldades até mesmo sociais, eu assim podendo ajudá-las em relação à mantimentos de produtos, pois muitos perderam emprego (Professora Jasmim).

Analisando tais relatos interpretamos que as docentes apontam a partir de suas vivências, aspectos positivos que encontraram durante o ensino remoto. Como demarcado, o período atual, em certa medida, também contribuiu para que o trabalho do(a) professor(a) fosse mais valorizado, pois evidenciou-se que a docência é única e possui inúmeras especificidades. Ademais, houve uma procura maior por cursos e outros materiais sobre as mídias, o que potencializou a formação continuada dessas professoras.

Cabe destacar que uma das professoras argumenta que não encontrou nenhum aspecto positivo da atuação docente na Educação Infantil em tempos de pandemia. Nesse contexto, tal situação evidencia que algumas pessoas que atuam na área da educação se encontram desmotivados(as) diante do atual período. Inferimos que tal desmotivação está relacionada com a falta de recursos e materiais midiáticos para ministrar as atividades de forma remota.

Por fim, na quarta categoria de análise as professoras evidenciaram como tem sido o *ser/estar docente na Educação Infantil no contexto pandêmico*. Dessa maneira demarcaram que:

Sinto como missão cumprida, pois tudo que estive dentro de minhas possibilidades eu fiz e faço por meus alunos. [...] Infelizmente a sensação de impotência é inevitável diante de muitos obstáculos. Mas, sigo vivendo um dia de cada vez, buscando aprender com todos os acontecimentos, pois desejo um futuro melhor. Por isso, mesmo que tudo esteja difícil desanimar nunca (Professora Rosa).

Como aconteceu tudo tão intenso, rápido e desconhecido, senti-me muito ansiosa e tensa em diversas questões tanto pessoal, quanto profissional. Foi uma enxurrada de informações principalmente da mídia em relação ao vírus que me deixou ansiosa e com muito medo, vivendo somente em função dos cuidados excessivamente. Parei com tudo que fazia em minha vida pessoal principalmente o social, de modo abruptamente e senti-me presa em meus medos e pensamentos só como seria sem estar juntos com minha família, amigos e no trabalho (Professora Jasmim).

Sinceramente gostaria de jamais estar passando por isso, adoro cantar, dançar, fazer teatros, dar aula, mas é tendo eles perto de mim, aquela coisa só sua e seus alunos e ninguém mais. A falta desse contato e a dúvida de saber se realmente seu aluno está fazendo as atividades, se está aprendendo ou não é muito ruim (Professora Liz).

Tendo em vista tais narrativas, evidenciamos que sensações de impotência, ansiedade e medo podem ser comuns entre os(as) professores(as), de modo que tais sensações podem ser explicadas por Elina Macedo (2020, p. 1407) a qual argumenta que “os/as profissionais da educação, por sua vez, veem-se acuados/as diante das cobranças por produtividade.”

Narrativas escritas sobre a docência com crianças na pandemia

Na última categoria, analisamos ainda que as quatro professoras participantes se queixaram que o ensino remoto é extremamente cansativo, além de que é muito complexo conseguir a devolutiva por parte das famílias das atividades propostas. Todavia, apesar das dificuldades, foram criadas propostas pedagógicas pelas professoras com o objetivo de dar continuidade as experiências brincantes, sendo que elas passaram a considerar o uso de materialidades presentes no cotidiano das crianças.

Por último, verificamos que ser/estar docente no contexto pandêmico exigiu maior aproximação com as mídias que se revelaram materialidades importantes para a promoção das interações no ensino remoto. Entretanto, neste cenário, para além de uma perspectiva utilitarista das mídias, essas professoras também tiveram a oportunidade de vivenciar práticas mais criativas e reflexivas. Houve situações que as professoras exploraram a criatividade para criar conteúdos por meio de vídeos, realizar a documentação pedagógica através de registros fotográficos, transcrições de conversas com as crianças. Além disso, se sobressaiu em certa medida uma perspectiva reflexiva sobre o uso das mídias, pois cotidianamente as professoras conversavam entre si e com a direção da unidade, como estava se dando as experiências remotas, se estava fazendo sentido para as crianças. Enfim, a qualidade da educação, direitos e participação das crianças eram perspectivas sempre colocadas em evidência no planejamento e nas atividades remotas.

Compreendemos, que a partir do inédito vivido com a pandemia, no campo da educação, algumas questões merecem ser mais esmiuçadas, pois podem trazer pistas para fomentar o debate sobre a especificidade da docência com bebês e crianças: que pedagogias outras são possíveis de se (re)desenhar nas interações remotas? Como a Educação Infantil pode se fazer latente e potente em tempos de (pós)pandemia? Seguimos refletindo...

Últimas palavras

Este estudo buscou investigar as especificidades que atravessam a atuação docente com crianças entre 4 e 5 anos, em tempos de pandemia, a partir da perspectiva e experiências de quatro professoras que atuaram no ensino remoto, em uma instituição pública de Educação Infantil, da cidade de Passos, Minas Gerais, Brasil. Para contemplar tal objetivo, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa, tendo por instrumento a análise de narrativas escritas (cartas) feitas pelas participantes, com base em um questionário com vinte perguntas disparadoras de reflexões.

Dentre os resultados, apoiando-se nas narrativas das professoras participantes foi possível constatar que elas se sentem muito cansadas com o ensino remoto, se frustram com discussões de

MOURA; SILVA.

desvalorização e precarização do trabalho docente, ao mesmo tempo que consideram que talvez, de alguma forma, a profissão de ser professor(a) passou a ser vista com mais relevância devido ao impacto de as escolas terem ficado fechadas.

Analisamos também que o breve panorama apresentado expõe algumas experiências de contextos [de vida] docentes com crianças na pandemia sendo que as narrativas escritas vão de encontro com as narrativas falaciosas, por exemplo, do deputado federal que induz a interpretação de que professores(as) não estão fazendo nada na pandemia. Pelo contrário, as professoras buscaram se aperfeiçoar quanto ao uso das mídias e, para além de uma perspectiva utilitarista, elas cotidianamente refletiam sobre os sentidos do ensino remoto na aprendizagem e na vida das crianças daquele contexto.

Portanto, argumentamos sobre a docência em tempos pandêmicos, sob o prisma de quatro professoras que atuam em uma instituição de Educação Infantil, na cidade de Passos/MG. Contudo, assumimos que oportunizar a voz e a escuta, por exemplo, a partir da perspectiva de gestores(as), das famílias e das próprias crianças sobre as experiências educativas em contexto (pós)pandêmico podem se tornar outros desdobramentos deste estudo. Por ora, desejamos que as reflexões levantadas desacomodem e que também sejam inspiração para outras pesquisas e práticas no campo pedagógico, que estão sempre em construção.

Referências

ABRAMOWICZ, Anete; PARK, Margareth B. **Mulheres na pandemia**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

ABRAMOWICZ, Anete. Educação Infantil: implementar o exercício da infância. In: ABRAMOWICZ, Anete; TEBET, Gabriela G. C. (org.). **Infância e pós-estruturalismo**. São Paulo: Porto de Ideias, 2017, p. 15-26.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**/ Secretaria de Educação Básica. –Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 20 mai 2021.

BRASIL. Lei n.13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF., 26 jun 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm. Acesso em 20 mai 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionacomum.mec.gov.br/imagens/BNCC_publicacao.pdf Acesso em: 20 mai 2021.

Narrativas escritas sobre a docência com crianças na pandemia

CNN BRASIL. “Não há intenção do governo em furar teto de gastos”, diz Ricardo Barros - NOVO DIA. **Youtube**. 20 abr 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RvNya-CrmUw>. Acesso em: 12 nov 2021.

CRUZ, Silvia H. V.; MARTINS, Cristiane A.; CRUZ, Rosimeire C. A. A educação infantil e demandas postas pela pandemia: intersectorialidade, identidade e condições para o retorno às atividades presenciais. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, SC, v. 23, n. Especial, p. 147-174, jan./jan., 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/79003>. Acesso em 10 set 2021.

FOCHI, Paulo. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil: aula aberta da UNISINOS. **Youtube**. 09 abr 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Nbap-57p2GA> Acesso: 09 abr 2020.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d`água, 1997.

GALVÃO, Cecília. Narrativas em Educação. **Ciência & Educação**, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005. Disponível: Acesso em: 13 mai 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/H5hSMRYMyjhYtBxqnMVZVJH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 mai 2021.

GOBBI, Márcia. **Múltiplas linguagens de meninos e meninas no cotidiano da Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6678-multiplaslinguagens&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 20 mai 2021.

JÚNIOR, Otávio. **Da minha janela**. Ilustrações de Vanina Starkoff. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas. 2019.

MACEDO, Elina E. Desigualdade e pandemia nas vidas das brasileiras e dos brasileiros. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, SC, v. 22, n. Especial, p. 1404-1419, dez./dez., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/77746>. Acesso em: 13 jun 2021.

MARTINS FILHO, Altino José. **Minúcias da vida cotidiana no fazer-fazendo da docência na Educação Infantil**. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2020.

MORUZZI, Andrea B; SILVA Bianca N. B.; BARROS, Bruna C. Formação de professores da Educação Infantil: a especificidade em questão. In: ABRAMOWICZ, Anete; HENRIQUES, Afonso C. (orgs.) **Educação Infantil**: a luta pela infância. Campinas, SP: Papyrus, 2020, p. 190-210.

OLIVEIRA, Rayssa. **Espaços afetivos**: habitar a escola. São Paulo: Ed. do Autor, 2021.

PAIVA, Vera Lúcia M. O. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Rev. bras. linguist. apl.** 8 (2), 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/gPC5BsmLqFS7rdRWmSrDc3q/?lang=pt>. Acesso em: 20 mai 2021.

SANTOS, Solange E.; SARAIVA, Marina R. O. O ano que não tem fim: as crianças e suas infâncias em tempos de pandemia. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, SC, v. 22, n. Especial, p. 1404-1419, dez./dez., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/78765/45035>. Acesso em: 10 set 2021.

SERRÃO, Célia R. B.; OLIVEIRA, Renata C. D. As vozes que escoam na pandemia: a escuta como desafio para garantia dos direitos de bebês e crianças pequenas. In: GOBBI, Marcia A.; PITO, Juliana D. (orgs.). **Coletivos, mulheres e crianças em movimentos**: na pandemia do podcast ao livro. São Paulo, SP: FEUSP, 2021. p. 166-174. Disponível em:

MOURA; SILVA.

<http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/575/512/1953-1>. Acesso em 10 set 2021.

SILVA, Lidiane V. **Os desafios das práticas pedagógicas na Educação Infantil em tempos de pandemia**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso. (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Passos, MG, 2021.

TAVARES, Maria Tereza G.; PESSANHA, Fabiana N. L.; MACEDO, Nayara A. Impactos da pandemia de covid-19 na educação infantil em São Gonçalo/RJ. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, SC, v. 23, n. Especial, p. 77-100, jan./jan., 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/78996>. Acesso em: 15 set 2021.



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Educação em Foco é a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 27/12/2021

Aprovado em: 16/08/2022